

O grupo dos doze

Como consegue Jesus, em apenas três anos, inaugurar toda uma revolução do mundo, uma transformação profunda do homem e povos?

Utiliza uma estratégia muito adequada: dedica-se a formar e preparar testemunhas, instrumentos, seus enviados – é dizer – apóstolos.

Se prestarmos atenção nos Evangelhos, nos chama a atenção o fato que Jesus em sua vida pública quase nunca aparece sozinho. Em todo momento o vemos rodeado pelos doze discípulos ou por alguns deles. São como sua sombra, sua permanente companhia. Tampouco a eles nunca o vemos sozinhos. Jesus pode aparecer sem a multidão, mas não sem esse grupo de amigos. Estão associados aos seus ensinamentos, a suas obras, a sua tarefa. São seus prolongadores, suas extensão; não apenas amigos ocasionais, que amanhã poderiam afastar-se.

Um segundo aspecto é que se trata de um grupo fixo. Não são uns quantos amigos, que hoje estão uns e amanhã outros, os apóstolos formam uma unidade que irrompível. São um conjunto, um colégio com um número bem definido: 12. Com este nome, “os doze” se lhes designa quase sempre no evangelho. Outras vezes se lhes chamará os 12 discípulos ou apóstolos. A lista do grupo se repete várias vezes no evangelho e às vezes se muda um pouco a ordem em que são citados, mas nunca são introduzidos novos nomes, nem falta nenhum desses doze eleitos.

E os próprios apóstolos consideram, depois da morte de Jesus, importante esse número. Por isso elegeram a Matias para suprir a falta de Judas.

Mas o dado mais chamativo é que esses doze foram eleitos para algo bem concreto. Jesus não se limita a dar-lhes um ensinamento, como faz com a multidão. Não lhes expõe uma série de verdades que eles podem aceitar ou não. O que lhes outorga Jesus é uma missão. É uma missão que lhes compromete totalmente. Nela está sua condição de escolhidos.

E não se trata de uma missão qualquer. Não tem que fazer uma parte da tarefa de Cristo – não são seus ajudantes. Tem a mesma missão de Jesus: “Como me enviou meu Pai, assim eu os envio”. E eles não serão simples “cronistas”, não terão apenas que contar o que Cristo fez.

Deverão continuá-la, faça-la sua, prolongá-la. “Ide e ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

E trata-se de uma missão salvadora: uma missão para a qual nenhum homem está capacitado, se não recebe seu poder especial do “alto”. Porque é a mesma missão de Cristo. Por isso, Jesus lhes entrega o Espírito Santo. Porque só com essa força sobrenatural e sobre humana poderão realizá-la.

Assim, fica claro que é uma missão permanente. Serão as testemunhas e representantes autênticos de Cristo. Serão mais que simples portadores de sua mensagem, autênticos atores da obra de Deus. E para poder realizar esta tarefa sobre humana, receberão também poderes sobre humanos: Jesus lhes dá poder de perdoar pecados; entrega-lhes as chaves do Reino. E lhes dá também “a autoridade para expulsar espíritos imundos e curar toda enfermidade e doença”.

E tudo isto não é uma missão que possam realizar individualmente, se não unicamente todos juntos. Por isso devem “ser um” (Jo 17, 20) porque trabalhando unidos será como o mundo crerão. E a partir de seus apóstolos, seus seguidores de todas as nações constituirão um povo novo, mas unido entorno a Cristo. É a “pequena grei” a qual seu Pai dará o Reino.

Devido à extraordinária entrega e fidelidade dos apóstolos e por graça e amor de Deus, todos nós formamos parte dessa grei do Senhor, dessa Igreja que Ele fundou.

Peçamos a Jesus que nos dê a cada um esse espírito apostólico dos primeiros, para que também nós possamos ser instrumentos aptos para a conquista do Reino de Deus.

Perguntas para a reflexão

1. Sinto-me um enviado?
2. Comporto-me como uma continuação de Jesus?
3. Sinto que tenho uma missão divina?

Se desejar subscrever, comentar o texto ou dar seu testemunho escreva para: pn.reflexiones@gmail.com